



Departamento de Letras
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –
CEP 317131-001 - Brasil

Aproximações entre Saussure e Halliday: a teoria da arbitrariedade do signo linguístico

Henrique Campos Freitas

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Universidade de Uberaba - UNIUBE

Mayra Natanne Alves Marra

Instituto Federal do Triângulo Mineiro – IFTM (Campus Ituiutaba)

Resumo

Este trabalho busca discutir a concepção de arbitrariedade do signo linguístico para dois estudiosos da linguagem: o precursor da linguística moderna, Ferdinand de Saussure e o precursor do funcionalismo, Michael Halliday. Para subsidiar tais reflexões, pautaremos nos três cursos sobre Linguística Geral, ministrado pelo genebrino, compostas pelas anotações de Albert Riedlinger e Charles Patois e o livro *An Introduction of Functional Grammar*, de Halliday, com colaboração de Matthiessen, a fim de identificar possíveis diálogos ou distanciamentos.

Palavras-chave: Arbitrariedade. Signo linguístico. Halliday. Saussure.

Submetido em: 20/12/2020

Aceito em: 29/01/2021

Publicado em: 04/02/2021



Departamento de Letras
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –
CEP 317131-001 - Brasil

Henrique Campos Freitas



Doutorando em Estudos Linguísticos (Universidade Federal de Minas Gerais - POSLIN/UFMG), mestre em Estudos Linguísticos (Universidade Federal de Uberlândia - PPGEL/UFU), especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira (UNINTER), licenciado em Letras-Português e Inglês (Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM) e técnico em Secretariado (SENAC/MG). Tem experiência na área de Linguística e Língua Portuguesa, atuando, principalmente, nos seguintes temas: Análise Crítica do Discurso (ACD), Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), Sistema de Avaliatividade, Linguística de Corpus (LC), BNCC, Linguística aplicada ao ensino, Educação a distância e Ensino de Língua Portuguesa. Ainda, possui experiência no ensino superior na área de Letras (Linguística e Língua Portuguesa), no ensino fundamental e médio (Língua Portuguesa e Língua Inglesa) e com rotinas administrativas de secretaria escolar.



<http://lattes.cnpq.br/6171218212690707>



<https://orcid.org/0000-0002-0308-2895>

Programa
Pós-
Graduação

Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PosLin) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)



Departamento de Letras
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –
CEP 317131-001 - Brasil

Mayra Natanne Alves Marra



Possui Graduação em Letras - Português e Espanhol (Licenciatura), pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro- UFTM (2013) e Mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU (2017). Tem experiência no ensino de línguas, com ênfase na Língua Espanhola. Interessa-se por Linguística, principalmente por estudos baseados em corpus, atuando principalmente nos seguintes temas: Estudos Descritivos, Linguística de Corpus, Linguística Sistêmico-Funcional e Língua Espanhola. Atualmente, é professora efetiva de educação básica, técnica e tecnológica do Instituto Federal do Triângulo Mineiro- IFTM – campus Ituiutaba e doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (PPGEL/UFU).



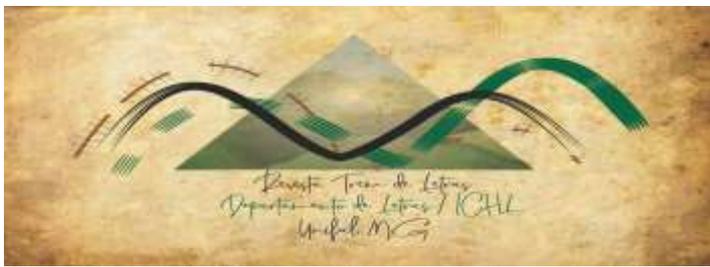
<http://lattes.cnpq.br/4955128268478795>



<https://orcid.org/0000-0002-5137-0103>

Programa
Pós-
Graduação

Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)



Departamento de Letras
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –
CEP 317131-001 - Brasil

APROXIMAÇÕES ENTRE SAUSSURE E HALLIDAY: A TEORIA DA ARBITRARIEDADE DO SIGNO LINGUÍSTICO

Henrique Campos Freitas – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) / Universidade de Uberaba
(UNIUBE)¹

Mayra Natanne Alves Marra – Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM, campus Ituiutaba)²

1. Considerações Iniciais

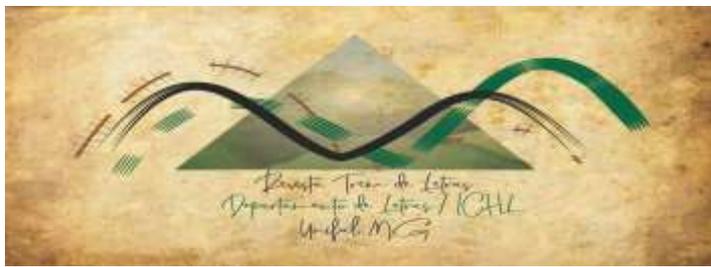
Sem contestações, Ferdinand de Saussure trouxe diversas contribuições significativas para que a linguística se tornasse, de fato, um estudo científico ao propor grandes discussões sobre conceitos-chave em torno dos quais, até hoje, linguistas se debruçam para melhor compreender.

Ferdinand de Saussure é citado por Costa (2008, p. 114), no livro intitulado Manual de Linguística, como o “precursor do estruturalismo”, pois Saussure “enfatizou a ideia de que a Língua é um sistema, ou seja, um conjunto de unidades que obedecem a certos princípios de funcionamento, construindo um todo coerente”. Inicialmente, na teoria estruturalista, Saussure usa a palavra **sistema** para confirmar a necessidade de se compreender a **estrutura** desse sistema, que é estudada desde os gregos. Saussure, portanto, reformula a noção de estrutura da língua para dentro do sistema linguístico.

Partindo desse pressuposto, é possível identificar que a ideia principal do estruturalismo parte da observação da língua como sistema estrutural, isto é, a língua

¹ henrique1715@ufmg.br

² mayramarra@gmail.com



como um conjunto de unidades com características semelhantes, relacionadas, funcionando como um organismo autônomo estruturado por meio de um conjunto de regras já estabelecidas pelo próprio sistema.

No estruturalismo, um dos conceitos-chave da teoria Saussuriana é da **arbitrariedade do signo linguístico**. Esse conceito é referente a dois elementos que são intimamente ligados por uma relação arbitrária, ou seja, não há uma razão concreta para que um significante (conceito) esteja ligado a um significado (imagem acústica).

Nesse caminho de estudos, Michael Halliday, de acordo com Cunha (2008, p. 162), propôs uma manifestação funcionalista em Londres, nos anos de 1970. Conforme ressalta a autora, a teoria hallidayana está embasada em um conceito amplo de função, que inclui tanto as funções de enunciados e textos quanto as funções das unidades dentro de uma estrutura.

Ainda de acordo com Cunha (2008), Halliday, apoiado nos estudos de Malinowski, defende a ideia de que “a natureza da linguagem, como sistema semiótico e seu desenvolvimento em cada indivíduo, devem ser estudados no contexto dos papéis sociais que os indivíduos desempenham”. Por isso, Halliday propõe uma análise sociofuncional da linguagem.

Halliday (1976) afirma que a língua pode ser organizada por três metafunções: a ideacional, a interpessoal e a textual³. Essa organização contempla as funções básicas da linguagem e a multiplicidade de usos que o ser humano faz dela.

³ Conforme Freitas (2017, p. 33), a metafunção ideacional “indica a experiência de interpretar o que está acontecendo, observar quem está fazendo o que a quem, onde, quando, por que e como a relação lógica de um para outro. De modo similar, os recursos interpessoais negociam relações sociais: como as pessoas estão interagindo, incluindo os sentimentos que tentam compartilhar. Já os recursos textuais apresentam o sistema que analisa o fluxo de informação: as formas em que ideacional e significados interpessoais são distribuídos em ondas de semiose, incluindo interconexões entre as ondas e entre linguagem e atendente modalidades (ação, imagem, música etc.); todas as metafunções são realizadas pelos estrados da linguagem”.



Já Ferdinand de Saussure, com ideias como, por exemplo, o reconhecimento do caráter social da linguagem, destacou-se, e, após a publicação do famoso Curso de linguística geral (CLG), em 1916, alguns anos após a sua morte, passou a ser considerado o pai da linguística moderna.

Partindo dessa afirmação, podemos encontrar aproximações sobre a ideia de arbitrariedade nos dois estudiosos, haja vista que o conceito saussuriano de arbitrariedade é relevante. Porém, Halliday percebe que não existe só essa relação entre imagem acústica e conceito em todo o sistema linguístico porque se pode falar de arbitrariedade, também, naquilo que Hjelmslev traz como “conteúdo e expressão”, sendo o signo motivado por sua funcionalidade dentro de certo contexto, controlado linguístico e socialmente por seu interlocutor.

Neste texto, portanto, faremos um recorte sobre a arbitrariedade do signo linguístico tal como é apresentado nos três cursos ministrados por Saussure, sobre linguística geral, em Genebra, por meio das anotações nos cadernos de Albert Riedlinger, de Charles Patois e de Emile Constantin. Buscaremos, também, apresentar as ideias de Michael Halliday sobre a arbitrariedade, ao propor a teoria da Linguística Sistêmico-Funcional.

Por fim, o estudo dessa temática justifica-se por se tratar de um tema muito importante na teoria saussuriana, o qual é indicado como o primeiro princípio do sistema linguístico e que rege todo o funcionamento do sistema linguístico, além de ser um assunto discutido até hoje. Outro ponto importante a ser destacado é o fato de não existirem propostas semelhantes à deste trabalho.



2. O reconhecimento da teoria Saussuriana: a arbitrariedade do signo

Estudiosos de linguística sabem que, como dito, a ideia da arbitrariedade do signo linguístico é um conceito-chave de Saussure, mas que o conceito é mobilizado por meio do que é lido e estudado a partir de fragmentos ou partes do Curso de Linguística Geral (CLG), organizado por Albert Sechehaye e Charles Bally. Dessa forma, percebemos que tudo o que é produzido, sobre essa teoria e algumas outras, baseadas nas ideias do genebrino, são ecos do que foi dito por Saussure e não, realmente, aquilo que estava sendo pensado pelo estudioso.

Falar, então, que Saussure é o autor do CLG é um grande abuso, segundo Bouquet (2009, p. 2), pois

Este abuso terminológico justifica, a meu ver, a razão de manter o Curso como apócrifo. Entretanto, seu caráter apócrifo mantém em foco mais do que a apresentação dos editores, mantém os efeitos dessa apresentação: é essencialmente a recepção desse livro que o terá tornado apócrifo, uma vez que ele foi amplamente atribuído a Saussure (as numerosas ocorrências na literatura linguística do século XX, e sob as melhores penas a escrita de frases como no Curso, Saussure escreve que..., são suficientes para atestar essa atribuição). Logo, o nome próprio de Ferdinand de Saussure, autor do Curso pode ser considerado como ilegítimo. Para lhe render justiça, conviria antes falar na ocorrência de um Pseudo-Saussure e de seus pseudo-editores (Bouquet, 2009, p. 2, grifo da autora).

O fato interessa-nos, pois, como ressalta Silveira (2003, p. 50), esse caminho possibilita “localizar os pontos de tensão presentes no CLG” e isso deve ser considerado, pois nos “permite recuperar as marcas de um percurso de elaboração teórica que, depois de realizado, se perde”.

Nesse sentido, mesmo com a organização excepcional de Bally e Sechehaye, existem posicionamentos feitos por eles para complementar as lacunas deixadas pelo célebre Saussure no que tange ao pensamento de certas teorias, criando, ainda mais, a



“falsa” ideia de autoria, pelo simples fato de que a leitura feita do livro reforça a imagem do não conhecimento daquilo que foi, realmente, o Curso sobre linguística geral.

Porém, Saussure é consagrado como o grande revolucionário nos estudos sobre linguística ao propor conceitos paradigmáticos que são, até hoje, alvos de grande investigação dos pesquisadores da área não só de Linguística, mas dentre tantas outras, como na Psicologia. Para tanto, neste trabalho, concentraremos no que adotamos como um dos primeiros princípios do signo linguístico: a arbitrariedade.

Nesse caminho, Túlio de Mauro (1986), na edição crítica do CLG, comenta que a formulação da teoria da arbitrariedade do signo se estruturou após a introdução dos termos significante/significado, ao demonstrar que esse vínculo é estritamente arbitrário. Porém, o termo arbitrário era entendido como ambíguo devido ao sentido já atribuído por Whitney, que considera o caráter arbitrário do signo envolvido em seus vários contextos (o que é evitado por Saussure).

Por isso, para Silveira (2003, p. 95), “a partir da noção de arbitrariedade do signo, foi possível sustentar uma particularidade que autenticava o objeto da linguística”. Como ressalta Bouquet, esse conceito é essencial na teoria saussuriana porque “[...] sustenta diretamente o conceito cardeal de sua epistemologia programática: o “valor” (Bouquet, 2000, p. 228).

Assim, ainda que no CLG se encontrem os principais conceitos propostos por Saussure e que norteiam o modelo teórico estruturalista, essa produção, por ter sido editada por Bally e Sechehaye - e, conseqüentemente, por causa da própria ideia de língua, pois os editores imprimiram seu estilo na escrita do CLG – deve ser vista com certo cuidado, pois existe a preocupação em separar o pensamento de Saussure e o dos editores.

É interessante ressaltar a afirmação de Silveira indicando que é possível reconhecer o suíço na edição do CLG, nas palavras da linguista, “a recriação não foi capaz



de eliminar os ecos do mestre em seus alunos mesmo que esses se revelassem discordantes” (SILVEIRA, 2003, p. 24).

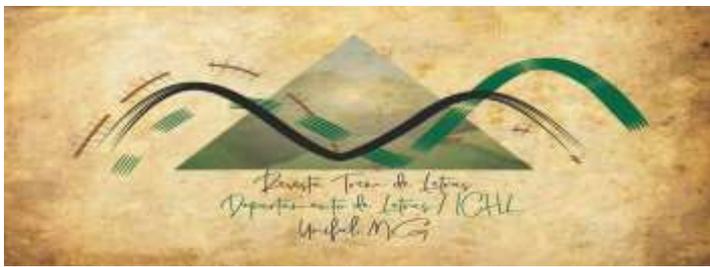
Porém, Túlio de Mauro (1986, p. 442-443) ressalta que existe uma imprecisão “extrínseca”, pois, no desenvolvimento dessa teoria, essa forma imprópria de discurso é encorajada pelo fato de que Saussure faz apontamentos importantes ao lembrar que o signo é a junção do conceito com a imagem acústica, não uma representação no exterior, ou seja, há uma independência do conteúdo semântico e do conteúdo acústico.

Nesse sentido, conforme Henriques (2012), o princípio da arbitrariedade já envolvia grandes discussões, desde a Antiguidade Clássica, com Platão e Aristóteles, ao questionar a relação entre os nomes e os objetos e que Saussure traz a questão linguística, problematizando a relação interna e imotivada que constitui o signo linguístico: conceito e imagem acústica.

Conforme o CLG, “a ideia de ‘mar’ não está ligada por nenhuma relação interior à sequência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual” (CLG, 1979, pp. 81-82).

Ainda sim, há possibilidades de a arbitrariedade do signo ser relativa ou absoluta. A relatividade pode ser entendida quando o próprio signo pode ser visto como parcialmente motivado, ou seja, quando podemos recuperar um significante por meio do próprio signo. Nesse viés, Wilson e Martelotta (2009, p. 74) apresentam, como exemplo, o “dezenove”, quando a associação de “dezena” mais “nove” é motivada pela própria relação existente entre os termos, ou, até mesmo, de “macieira”, que provém do termo “maçã”.

Já o arbitrário absoluto é quando o signo é imotivado, isto é, não traz relação alguma com o significado e sem relação com o objeto no mundo. Exemplo disso, como aponta Henriques (2012, p. 193), seria “[...] o signo “pedra”, no qual a ligação entre significante e significado é totalmente arbitrária”.



No entanto, Matsuzawa (2010, p. 70) apresenta uma grande questão: “qual é o ponto de vista que permite o acesso ao verdadeiro conhecimento da arbitrariedade do signo linguístico?”⁴ A essa questão, Saussure destacou a importância do ponto de vista do linguista, pois é ele quem cria o seu objeto. Vejamos.

Se, numa perspectiva sincrônica, a arbitrariedade do signo aparece à consciência do falante como imposta e transmitida, é na perspectiva histórica - diacrônica - que ela aparece como uma mutabilidade da relação entre as duas faces do signo, ou seja, é só por meio da história que podemos observar o sistema linguístico e o movimento da língua.

Tantos outros questionamentos podem ser feitos sobre o princípio da arbitrariedade, mas o ponto principal levantado aqui é o de que, de fato, o signo linguístico é arbitrário e que isso é importante para o sistema linguístico de qualquer língua, levando a crer que essa arbitrariedade pode (ou não) ser motivada pela relação entre significante e significado.

Nessa perspectiva, há um grande desenvolvimento de estudos das línguas e da linguística e que o princípio aqui evidenciado norteia todo o trabalho dos pesquisadores linguísticos. Porém, nem sempre, esse conceito é interpretado tal como Saussure o construiu - mas somente como é apresentado no CLG e as releituras - levando em consideração seu pensamento, assim como aparece nos cadernos dos alunos que fizeram o curso sobre linguística geral, trazidos com um recorte na seção a seguir.

⁴ Todas as traduções feitas são dos autores: “[...] quel est le point de vue qui permet d'accéder à la véritable connaissance de l'arbitraire du signe linguistique?” (Matsuzawa, 2010, p.70).



3. Processo de construção teórica sobre a arbitrariedade do signo linguístico

Em Silveira (2007), é possível observar a importância de compreender o processo de construção teórica sobre a arbitrariedade do signo linguístico. A estudiosa, para justificar seu pensamento, recorre às ideias de Milner (1989) dizendo que:

[...] para Milner, a elaboração sobre o arbitrário do signo por Saussure foi possível porque este surpreendeu um paradoxo na gramática comparativa: o funcionamento da forma fônica entre a contingência e a necessidade. É essa questão que constituiu o que Milner chama de 'quadro de interrogação geral' que Saussure endereçaria à gramática comparativa. É claro que afirmar a arbitrariedade da relação entre significado e significante é apenas uma das respostas a essas interrogações que extrapolam os níveis de reflexão da gramática comparativa e que abrirão caminho para a linguística geral (Silveira, 2007, p. 52).

Levando em consideração o exposto, mais uma vez, demonstramos a importância dos estudos saussurianos para o desenvolvimento da linguística. Mas, para chegar à teoria-chave de Saussure sobre a arbitrariedade, um construto teórico foi percorrido, pelo genebrino, e que tentaremos expor nesta seção.

Porém, justificamos o fato de nossa fonte de pesquisa ser os dois primeiros cursos ministrados por ele: buscamos constatar como foi o processo de construção teórica desse que é um dos principais conceitos elaborados por Saussure e que, nesses cursos, apresentam um grande nível de elaboração, que se encontra mais bem estruturado do que no terceiro curso, em que a teoria está mais explícita e que pode ser encontrada no CLG.

Para Saussure, uma das principais questões da língua é a arbitrariedade do signo linguístico. Por isso, o genebrino, durante os três cursos de linguística geral, na Universidade Pública de Genebra, teoriza sobre o assunto. Mas é sobretudo no terceiro curso que o autor se debruça sobre esse tema.



Sobre os três cursos sobre linguística geral, esses aconteceram entre 1907 e 1911, em Genebra, e que, segundo Altman (2013, p. 22), foram registrados por Riedlinger e Emile Constantin, editados por Komatsu, Wolf e Harris.

No primeiro curso, Saussure faz uma revisão do que seriam as teorias sobre línguas da época e, também, dedica-se à mudança linguística e a descrição histórica da família da língua indo-europeia. Engler (2006) lembra que o material dos cursos não é semelhante, haja vista que sempre há algo novo sendo (re)descoberto pelo genebrino, como, por exemplo, como é apresentada a distinção entre *langue/parole* e que só é mais bem definida no terceiro curso.

Na constituição teórica sobre esse conteúdo, Saussure busca explicar como os estudiosos da linguagem estavam preocupados com a fala, com o real discurso em um mundo referencial. Ainda, “como é possível atribuir ao som da voz uma identidade fonética regularmente estruturada para além de uma classificação natural em uma base orgânica e articulatória?”⁵ (Komatsu; Wolf, 1996, p. 8). Nos cadernos, é possível identificar que, no curso ministrado por Saussure, foram tratadas questões sobre aspectos fisiológicos da língua, fonologia (estudos dos sons) e fonética (fonética histórica).

Já o segundo curso possui uma estrutura muito diferente do primeiro e do terceiro, pois há uma descrição concreta das línguas indo-europeias fica mais evidente, confirmando que os cursos não foram destinados somente à teorização linguística, mas a descrição também. Conforme Komatsu e Wolf (1907), do ponto de vista teórico, Saussure, pela primeira vez, discute sobre a ciência da semiologia em relação com o signo linguístico.

⁵ “Yet how is it possible to attribute to speech sound a regularly structured phonetic identity beyond a natural classification on an organic and articulatory basis?” (Komatsu; Wolf, 1996, p. 8).



No terceiro curso de linguística geral (TCLG), ministrado por Saussure entre os anos de 1910 - 1911, o linguista dedica-se à questão da arbitrariedade do signo e à questão do social e, ainda, incorpora a noção de sistema, de valor e de unidade e acrescenta a noção de sintaxe. Esse curso, de fato, consagra os conceitos que fundam a linguística moderna, por isso é considerado o mais importante e é o curso que justificou a edição do CLG.

Como o objetivo deste artigo é o de reunir informações bibliográficas sobre o conceito de **arbitrariedade do signo** linguístico, proposto por Ferdinand de Saussure nas anotações de Emile Constantin, editadas e publicadas no TCLG, ressaltamos que essa escolha foi feita, pois se sabe o tamanho do alcance das anotações de Constantin, já que este era um aluno muito detalhista.

Segundo Coelho (2012, p. 9), Komatsu e Harris afirmam que Constantin era um “anotador assíduo” e que “a grande maioria das anotações de Constantin é seguida de explicações mais detalhadas do conteúdo.” Sendo assim, esse percurso teórico adotado possibilita observar uma trajetória de desenvolvimento da conceituação da arbitrariedade do signo linguístico proposto por Saussure.

Os cadernos de Constantin foram editados por Komatsu e Harris (1993) e não foram utilizados no CLG. O TCLG, da mesma forma que o CLG, é uma obra de autoria concedida a Ferdinand de Saussure, pois também foi elaborada a partir de anotações referentes às teorias que o suíço abordou no terceiro curso.

De acordo com Coelho (2012), os cadernos de VII a X, referentes à segunda parte do TCLG, foram partes consideradas por Harris e Komatsu como a contribuição teórica mais importante de Saussure. Esses capítulos tratam especificamente da natureza do signo linguístico, da questão de que o signo é arbitrário ao que ele representa. Ainda, podem-se observar questões sobre a arbitrariedade entre os dois constituintes do signo (significante e significado), afirmando que o elo entre esses é arbitrário.



No TCLG, a palavra *arbitraire* aparece em torno de 54 vezes, distribuídas entres os capítulos VII, VIII e X. A primeira ocorrência da palavra é no título da seção “Primeiro princípio ou verdade primária: O signo linguístico é arbitrário”. A primeira afirmação sobre o assunto, nas anotações de Constantin, no capítulo VII, afirma que:

O laço que liga uma imagem acústica com um determinado conceito e que lhe dá o valor do signo é radicalmente um laço arbitrário. [...] O signo é arbitrário, ou seja, o conceito “irmã” (*soeur*) por exemplo não está vinculado por qualquer caractere <relação> com a seguinte cadeia de sons i + r + m + ã (s + oe + r) que forma a imagem acústica correspondente. Este conceito poderia muito bem ser representado por qualquer outra série de sons. É o suficiente para pensar nas diferentes línguas (Constantin, 1993, p. 76).

Na citação, apesar de apresentar a palavra “radicalmente”, a noção de arbitrário vai ao encontro do que está no CLG, em que Saussure (CLG, 1979, p. 87) discorre sobre o tema:

[...] de fato, a própria arbitrariedade do signo põe a língua ao abrigo de toda tentativa que vise modificá-la. [...] Para a língua, sistema de signos arbitrários, falta essa base, [...] não existe motivo algum para preferir *souer* a *sister* ou *irmã*, *ochs* a *boeuf* ou *boi*.

Em seguida, no TCLG, há uma ressalva em relação ao significado da palavra “arbitrário”:

Temos de voltar a esta palavra *arbitraria*. Não é arbitrária na acepção dependendo da escolha do indivíduo. É arbitrário em relação ao conceito [...]. Toda uma sociedade poderia mudar o signo, porque o legado do passado é ditado pelos fatos da evolução. (p. 77)

Essa preocupação também foi apontada por Bouquet (1997), pois, de acordo com esse estudioso, na época do último curso de linguística geral, “Saussure preocupava-se com uma questão terminológica” (p. 230). O genebrino discorre, na aula do dia



02/03/1911, sobre o “primeiro princípio ou verdade primária” de que o signo linguístico é arbitrário.

A concepção de arbitrariedade é construída ao comparar questões fonológicas e grafológicas; o falado condiciona, imposta, o valor do sinal produzido na materialização do som e que, comparado ao escrever, adquire uma importância igual ou maior do que a do som falado. Nesse sentido, o “signo escrito”, a partir dessas questões de identidade, possuem duas posições: a) estar fora da linguagem e b) ser arbitrário.

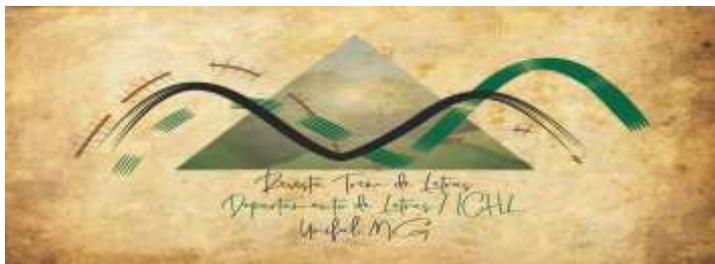
A classificação fonológica serviu, predominante, para que os assuntos relacionados ao som que produzimos sejam apresentados no lugar da formação desses sons, na qual a articulação é labial: o som que sai dos lábios pode hesitar na formação principal desses sons e, sua materialização é arbitrária.

Nesse sentido, o som é aleatoriamente encarregado por um dos órgãos que contribuem para a sua produção, podendo os dentais serem também chamados de linguais: “A denominação ‘gutural’ não é apenas arbitrária, mas falsa; chegaríamos a nomes grotescos⁶” (CLG, 1916 [1972: 70], p. 70).

Como exemplo, Saussure diz que as crianças, frequentemente, pronunciam *t* ao invés de *k*, não correspondendo a nenhuma mudança fonética. Nessa situação, há algo arbitrário na escolha de pronúncias erradas, não conseguimos saber se isso provém de uma convenção natural e o porquê de esse fenômeno romper nesse tempo em vez de outro, mas tal característica pode vir da arbitrariedade do símbolo fonético que não possui relação expressa com o significado da palavra.

No segundo curso sobre linguística geral, há uma grande discussão sobre a semiologia como ciência e sua relação com o signo linguístico e, conforme Komatsu, Saussure diz que a linguagem é um produto social, formado por um sistema de signos e

⁶ La denomination «gutturales» est non seulement arbitraire mais fautive; on arriverait a des noms grotesques.



que ela, a linguagem, até mesmo apresentada socialmente, é o modelo principal no estudo linguístico. Ainda nesse curso, são tratadas questões que também viraram ícone da teoria Saussuriana, dentre elas a arbitrariedade do signo.

Saussure, então, reflete sobre questões já pensadas a partir do primeiro curso, deixando claras que não há uma relação motivada entre o som produzido e a materialização escrita desse som. Mas, então, a questão da arbitrariedade, na linguística, é muito mais complexa do que se pensava: a língua possui inúmeras possibilidades de escolhas e cada uma delas é arbitrária.

É possível perceber, nesse viés, que ele ainda questiona e exemplifica: “Existe algo mais arbitrário do que as palavras de uma língua?” [...] “A escolha é arbitrária, e ainda assim a menor mudança na pronúncia de *Fuir* (fugir) pode mudar o seu significado, a ponto de torná-lo <in> inteligível” (*Deuxièms course*, Riedlinger Cahier I, p. 1)⁷.

Saussure mostrou que, futuramente, várias ciências tentariam “reivindicar” a língua como objeto de estudo, mas a linguagem e a língua seriam, claramente, o objeto da linguística. Para ele, isso não levaria ninguém a lugar algum, porque em nenhuma das ciências conhecidas seria possível observar a língua como um sistema de signos.

A Linguística seria a única com o direito de “existir tanto quanto faz a linguística em si, que foi considerada digna de estudo. Na escrita estamos realmente em um sistema de sinais semelhantes aos de uma língua”⁸ (Matsuzawa, 2010, p. 69). Assim, essa característica semelhante seria por existirem: a) a natureza arbitrária do signo; b) o valor puramente negativo e diferencial do signo.

⁷ “Y a-t-il rien de plus arbitraire que les mots de la langue? [...] Le choix est arbitraire, et cependant la plus petite modification de la prononciation de «fuir» en peut changer le sens jusqu'à le rendre <in>intelligible.” *Deuxièms course*, Riedlinger Cahier I, p. 1.

⁸ “a le droit d'exister aussi bien que la linguistique elle-meme qu'on juge digne d'etude, et reclame sa place d'avance. Dans l'ecriture nous sommes bien dans un systeme designes similaire a celui de la langue.” (Matsuzawa, 2010, p. 69).



Seguindo esse pensamento, Saussure discute a arbitrariedade do signo através da semiologia, ao refletir que o domínio dessa ciência se expande cada vez mais ao apresentar signos impessoais. Com isso, os sinais e gestos começam a fazer parte do código da linguagem e cabe à semiologia, então, delimitar graus e diferenças existentes entre esses símbolos completamente arbitrários, pois, como em certos atos, eles vão afastar-se (e nunca negar) dessa característica arbitrária e se moverão em direção ao símbolo materializado.

Nesse viés, a verdade relativa de qualquer signo linguístico fica evidente ao ressaltar a relação arbitrária entre, por exemplo, o conceito e a imagem acústica de um signo ou, até mesmo, entre a diferença fônica e a materialização desse som em palavra (questão discutida no primeiro curso).

Bouquet (1997, p. 232) afirma que, no texto de 1916, editado por Bally e Sechehaye, é possível inferir uma referência sobre uma propriedade global da entidade linguística, ao falar do arbitrário do signo. Porém, na maioria das passagens das anotações, o linguista genebrino se coloca estritamente do ponto de vista do significante para afirmar que este não tem nenhuma ligação analógica com o significado que representa.

Saussure ainda ressalta, no segundo curso, que a linguagem é, antes de tudo, um sistema de signos e que, assim, o sistema de sinais escritos é o que existe mais próximo da língua por materializar os signos linguísticos de uma língua.

Nessa materialização escrita, temos dois princípios-chave que substanciam o conceito de arbitrariedade do signo linguístico, mais bem apresentado no terceiro curso e projetado no CLG: “i) **o caráter arbitrário do signo; não há nenhuma conexão entre o signo e a coisa que se destina a significar**; ii) o signo da escrita tem um valor diferencial; que leva o seu valor apenas de diferenças” (Komatso, 1997, p. 113a, grifo nosso).



Por fim, ao estabelecer relação novamente com o signo escrito, o genebrino ressalta que o signo linguístico é completamente arbitrário ao passo que um sinal se aproxima de um símbolo, e que aquilo que se relaciona com formas faz parte do estudo da semiologia, e que a língua é o principal sistema dessa ciência.

Ainda, o “arbitrário” é um aspecto de uma autonomia idiomática cuja realidade linguística se manifesta não linguisticamente, mas pela escolha de significantes. Nesse caminho, podemos perceber que esse é o ponto de chegada da teoria de Halliday, funcionalista, que vem discutir, concordar e distanciar de alguns posicionamentos pensados pelo célebre Saussure e que serão apresentados na seção a seguir.

4. Halliday e a arbitrariedade do signo

O desenvolvimento da teoria funcional da linguagem pode ser relacionado com os estudos da Escola Linguística de Praga por apresentarem pontos comuns na teoria de Halliday e Dik, considerados “fundadores” do funcionalismo linguístico contemporâneo; pontos esses que mostram, também, a semelhança com as ideias desenvolvidas por Hjelmslev: indicação da existência de estratos da linguagem, ou seja, a linguagem é organizada pelos níveis sintáticos, lexicais, fonéticos e semânticos, além de acreditarem que há uma realização estrutural multifuncional de enunciados a partir de diferentes contextos em que o locutor está inserido (Neves, 1997).

Nesse sentido, podemos dizer que os estudos funcionalistas são aqueles que contemplam a gramática como “algo dinâmico” (Crhistiano; Silva; Da hora, 2004), haja vista que as construções linguísticas são feitas a partir da necessidade de cada usuário da língua a cada contexto de situação. Neves (1997) apresenta um dos grandes nomes dessa: Michael A. K. Halliday, que assegura que a linguagem é dinâmica; os enunciados



(e sua gramática) são construídos a partir das escolhas linguísticas feitas por um falante, para um propósito comunicativo e específico, na espera de produzir algum significado.

Na esteira dessas ideias, a criação de uma gramática funcional - e, conseqüentemente com o fortalecimento dos estudos funcionalistas - poderia ser aplicável a toda e qualquer língua com a finalidade de compreender as estruturas estabelecidas pelos falantes, para atingir um nível entre aquilo que é regular e irregular, sendo a descrição uma abordagem necessária para indicar esses traços (não)semelhantes.

Halliday elabora um modelo de uma gramática sistêmico-funcional, que deve ser interpretada como multifuncional, a partir da visão funcionalista da linguística, que é acrescida à descrição no desenvolvimento de um “construto formal de uma rede sistêmica, o que configura uma teoria da língua enquanto escolha” (Neves, 1997, p. 59).

A noção de arbitrariedade já é apresentada por Halliday ao diferenciar a gramática sistêmica-funcional das gramáticas formais, conforme apresenta Valério (2012),

Para o desenvolvimento do objetivo a que se propõem, a saber, o de construir a base de significado, Halliday e Matthiessen usam uma gramática sistêmica, a qual definem como uma gramática funcional, isto é, semanticamente motivada, em oposição às gramáticas formais que são autônomas e, conseqüentemente, semanticamente arbitrárias (Valério, 2012, p. 181).

Podemos perceber que, conforme a autora, há possibilidade de haver uma arbitrariedade semântica que remetemos à teoria Saussuriana da arbitrariedade do signo, pautada pela oposição entre significante e significado. Observamos, também, que o universo linguístico não pode ser isolado e pode haver relação com o mundo físico, pois é dele que se cria a noção semântica dos signos.

Nesse sentido, observamos que na teoria hallidayana o conceito não deve ser compreendido só a partir de como os signos estão relacionados de forma arbitrária, mas através da noção funcional, ou seja, o significado deve ser concebido dentro de uma



funcionalidade, dentro de um contexto, numa relação paradigmática do sistema a qual a linguagem está sendo utilizada e de como os falantes fazem uso dela nessas diversas situações.

Valério (2012, p. 181) apresenta que a língua “não é um sistema único que pode ser concebido fora do contexto no qual a linguagem é usada (*langue* de Saussure), mas do ponto de vista funcional, o significado é algo que as pessoas podem fazer e não algo que a linguagem tem.”

Halliday (1982, p. 63) chama a atenção para esse fato, e explica por que o sistema gramatical não pode ser entendido como arbitrário, partindo de um exemplo simples “*Balbus construyó una pared*”:

Isso representa uma união que não é arbitrária, pois representa claramente o significado da frase como uma série de opções no sistema semântico. [...] As três configurações são igualmente semânticas; todas são representações do significado dessa oração em relação às suas diferentes funções, as funções às quais eu chamo ideacional, interpessoal e textual. Assim, a estrutura não é arbitrária em nenhum de casos (Halliday, 1982, p.64).⁹

Fuzer e Cabral (2014) afirmam que “cada metafunção é realizada por um sistema próprio no estrato lexicogramatical” (p. 32). Por isso, na concepção de Halliday (1982):

[...] a estrutura gramatical é uma configuração não-arbitrária de elementos que, em conjunto, representam a função para a qual o idioma é usado e cada um deles desempenha um papel particular dentro dessa função. [...] Eu estimaria que o sistema linguístico não é arbitrário nesse ponto; a arbitrariedade é apresentada simplesmente na relação entre conteúdo e expressão¹⁰ (Halliday, 1982, p. 63).

⁹ Eso representa una configuración que no es arbitraria, dado que representa muy claramente el significado de la oración como una serie de opciones en el sistema semántico. [...] Las tres configuraciones estructuras son igualmente semánticas; todas son representaciones del significado de esa cláusula en tocante a sus diferentes funciones, las funciones a las que he llamado ideacional, interpersonal y textual. Así, la estructura no es arbitraria en ninguno de esos casos (Halliday, 1982, p.64).

¹⁰ la estructura gramatical es una configuración no arbitraria de elementos que, tomados en conjunto, representan la función para la cual se utiliza el lenguaje, y cada uno de los cuales desempeña un papel particular dentro de esa función. [...] Yo estimaría que el sistema lingüístico no es arbitrario en ese punto; La arbitrariedad se presenta simplemente en la relación entre el contenido y la expresión (Halliday, 1982, p. 63).



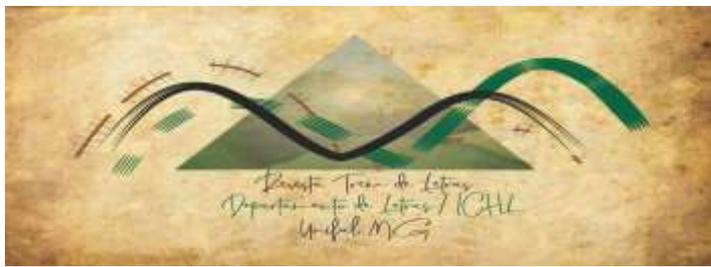
De acordo com Halliday (1982), a “arbitrariedade” é uma característica da relação entre significante e significado, apenas. Para o linguista a linguagem não é arbitrária, pois ao usarmos a língua para manifestarmos o que queremos, utilizamos palavras que representam o que desejamos no mundo, por isso a relação entre semântica e gramática não pode ser arbitrária. Nas palavras do linguista:

No sentido saussuriano, a relação entre “significante/significado” é “arbitrária”. [...] Quando falamos da arbitrariedade do signo, nos referimos ao relacionamento da imagem acústica/conceito de Saussure; penso que todo linguista concordará que há arbitrariedade a esse respeito; mas acredito que, em todo o sistema linguístico, existe apenas o ponto em que a arbitrariedade pode ser falada [...]. Mas se considerarmos a relação entre semântica e gramática, tudo isso se enquadra no conteúdo de Hjelmslev, diria que não é arbitrário¹¹ (Halliday, 1982, p. 63).

Halliday e Matthiessen (2014), no livro *An Introduction of Functional Grammar*, em vários momentos, deixam implícita a noção de arbitrariedade. Porém, ao falar do signo linguístico, eles consideram que a língua é uma realização sociossemiótica, ou seja, tal ação se dá pela “relação natural com a semântica não-arbitrária ou convencional. Isso significa, entre outras coisas, que os padrões logo genéticos que surgem, ao nível da lexicogramática, também são, ao mesmo tempo, semanticamente significativos.”¹² (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 613).

¹¹ En el sentido saussuriano, la relación entre “significant / signifié” es “arbitrario”. [...] Cuando hablamos de la arbitrariedad del signo, nos referimos a la relación contenido/expresión saussuriana; pienso que todo lingüista estará de acuerdo que hay arbitrariedad a ese respecto; pero creo que en todo el sistema lingüístico sólo hay ese punto en que pueda hablarse de arbitrariedad [...]. Pero si consideramos la relación entre semántica y gramática, todo lo cual recae dentro del contenido de Hjelmslev, yo diría entonces que no es arbitrario (Halliday, 1982, p. 63).

¹² “[...] natural relation to semantics, not an arbitrary or conventional one. This means, among other things, that logogenetic patterns that emerge at the level of lexicogrammar are also at the same time semantically significant (Halliday; Matthiessen, 2014, p. 613).



Para Halliday, as palavras, para um efeito universal, são reduzidas à arbitrariedade, tendo a função e a necessidade de coincidir com as coisas e as formas que representam sua natureza no mundo, como é apresentada na teoria de Saussure.

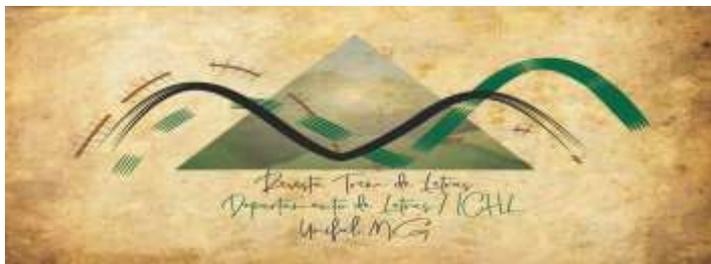
Para o estudioso, isso não é o suficiente para construir uma “linguagem filosófica”, ou seja, uma linguagem com caráter social, universal ao homem; ela deve representar as coisas de maneira natural, não-arbitrária, diferente daqueles que buscam compreender uma conexão natural entre significante e significado; a relação arbitrária é percebida através das relações entre língua(gem) e social, indissociáveis.

Contudo, vale lembrar que Halliday acredita que, sem dúvidas, devemos concordar que a noção de Saussure é essencial para qualquer teoria linguística, pois introduz que o signo é arbitrário e suas relações também - entre significante e significado.

Entretanto, o estudioso britânico acredita que não é apenas esse ponto, de todo um sistema linguístico, que podemos falar de arbitrariedade, haja vista que a noção apresentada por Hjelmslev introduz que essa relação arbitrária pode ser compreendida, também, entre conteúdo e expressão, já que a língua parte de uma estrutura gramatical configurada a partir de regras e/ou funções, previamente estabelecidas em um contexto de situação, derivadas de escolhas lexicogramaticais envolvidas por essa semântica contextual.

5. Considerações Finais

Após todo o percurso aqui apresentado, somos capazes de salientar a importância de conhecer o processo de construção de um grande nome para o desenvolvimento da linguística enquanto ciência - Ferdinand de Saussure. Suas contribuições são válidas para que teorias sejam (re)criadas a partir de princípios básicos levados a nível máximo pelo genebrino e, claro, observar, a partir dos cadernos das anotações dos alunos que



frequentaram o curso sobre linguística geral, o real construto teórico pensado por ele, não o que é ecoado pelo CLG.

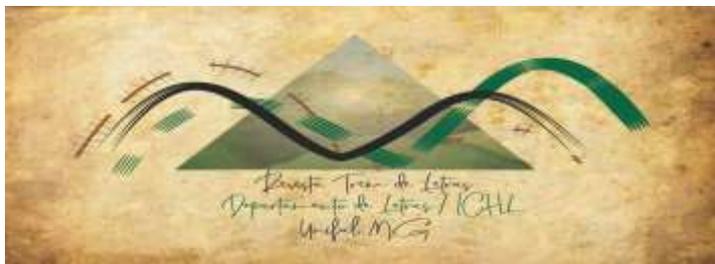
Poder contrastar a teoria da arbitrariedade do signo linguístico com uma teoria “nova”, como a de Halliday, é contribuir para os estudos descritivos da língua, pois levam a reflexão de que, mesmo em discordâncias, teorias partem do mesmo pressuposto – todo signo é arbitrário - e ressaltam o grande nome de Saussure. Não se trata de julgar qual teoria é a mais adequada, mas evidenciar a grandiosa contribuição desses estudos para a descrição e o estudo de uma língua.

Observar o processo de construção teórica faz-nos perceber o movimento transcendental que um teórico traz ao questionar fatos. Silveira (2007) pontua, excepcionalmente, que o trabalho de Saussure não começa em um ponto e termina em outro, pois é uma ação contínua marcada, a todo momento, por um ponto em comum que é conhecer a língua e, assim, descrever seu funcionamento; processo esse cheio de (des)continuidades lógicas, mas que contribui para a chegada num ponto comum a todos que se interessam por língua.

É importante salientar que a reflexão que aqui propomos não pretende direcionar uma discussão a respeito de uma concepção mais correta do que a outra, já que ambos os linguistas trouxeram inúmeras contribuições para os estudos da linguagem.

Acrescentamos que a diferença evidente na teoria de Halliday e que aproxima da de Saussure é o caráter social do signo: ele é arbitrário em sua relação de existência, não sendo a arbitrariedade aplicada à questão de escolha do falante; para sua referência no mundo. Tal escolha é motivada através do contexto que ele está inserido e com isso, podemos também criar palavras com base em palavras já existentes. Em Saussure, encontramos a ideia nos conceitos de analogia e arbitrário relativo.

Nesse sentido, Saussure diz que não é possível projetar um “significado” independente do “significante” de uma determinada língua, nem tornar um significado

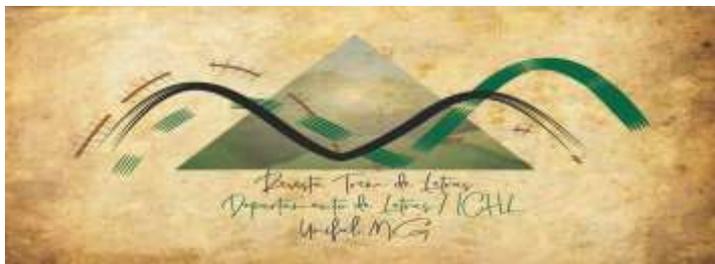


possível em duas línguas. É necessário observar o caráter arbitrário e as formas fônicas para que sejam comuns e, então, arbitrárias.

Em suma, com o desenvolvimento da linguística, a arbitrariedade aparece em diferentes funções e em diferentes níveis e que teorias buscam esse princípio para significar conceitos e tornar certas ideias convenções não arbitrário, como, por exemplo, rejeitar a existência de diferenças entre língua e línguas.

Referências

- ALTMAN, C. Sobre Mitos e História: a visão retrospectiva de Saussure nos três Cursos de Linguística Geral. IN: FIORIN, J. L.; FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B. (Org.). *Saussure: a invenção da Linguística*. São Paulo: Contexto, pp. 21-32, 2013.
- BOUQUET, S. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- _____. *Introdução à Leitura de Saussure*. Trad. Carlos A. L. Salum e Ana L. Franco. São Paulo: Ed. Cultrix, 2000.
- _____. De um pseudo-saussure aos textos saussurianos originais. Tradução de Roberto Leiser Baronas (DL-PPGL-UFSCAR) & Vanice Maria de Oliveira Sargentini (DL-PPGL-UFSCAR). *Revista Letras & Letras*, Uberlândia, 25 (1), p. 161-175, jan./jun. 2009.
- COELHO, M. P. As diferenças entre as edições do terceiro curso de Ferdinand de Saussure. *Revista Gatilho*. Ano VIII. Volume 15, 2012. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2012/11/15-coelho.pdf/>>. Acesso em: 20 jan. 2021.
- COSTA, M. A. O Estruturalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de Linguística*. – São Paulo: Contexto, 2008.
- CRHISTIANO, Maria Elizabeth A.; SILVA, Camilo Rosa; HORA, Dermeval da (Org.). *Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Ideia, 2004.
- de MAURO, T. *Cours de Lingüistique Générale: édition critique*. Paris, Payot, 1986
- ENGLER, R. *Cahiers Ferdinand de Saussure: revue suisse de linguistique générale*. Genève: Librairie Droz S.A., 2006.
- FREITAS, H. C.. *Análise contrastiva das Circunstâncias de Ângulo em corpus sobre a proposta da nova Base Nacional Comum Curricular: perspectivas a partir do Sistema de*



- Avaliatividade - 2017. 142 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.
- FURTADO DA CUNHA, A. F. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.) *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. *Introdução à Gramática Sistemico - Funcional em Língua Portuguesa*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2014.
- HALLIDAY, M. A. K. . Estrutura e função da linguagem. In: LYONS, John (org.). *Novos horizontes em lingüística*. São Paulo: Cultrix / EDUSP, 1976.
- _____. *El lenguaje como semiótica social. Interpretación social del lenguaje y del significado*. México: Fondo de Cultura Económica, 1982. p. 160-165.
- _____. *Language as social semiotic: The social interpretation of language and meaning*. London: Edward Arnold, 1986.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An introduction to functional grammar*. 4th edition. London and New York, Routledge, 2014.
- HENRIQUES, S. M. O princípio da arbitrariedade e a referência em Ferdinand de Saussure. *E-escrita Revista do Curso de Letras da UNIABEU, Nilópolis*, v.3, n. 1B, p. 189-202, Jan.-Abr. 2012.
- KOMATSU, Eisuke; WOLF, George. *F. de Saussure premier cours de linguistique générale (1907): d'après les cahiers d'Albert Riedlinger / Saussure's First Course of Lectures on General Linguistics (1907): from the Notebooks of Albert Riedlinger*. Oxford/New York/Seoul/Tokyo: Pergamon Press, 1996.
- MATSUZAWA, Kazuhiro. *Le <<décousu>> du troisième cours de Linguistique Générale et le cercle herméneutique*. Librairie Droz S.A, rue Massot, Genève, 2010.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. C. Bally e A. Sechehaye (orgs) com colaboração de A. Riedlinger, trad. A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein, São Paulo: Cultrix, 1979.
- _____. (1916 [1972]) *Cours de linguistique générale*. Publié par Ch. Bally & A. Sechehaye avec la collaboration de A. Riedlinger. Édition critique préparée par Tullio De Mauro. Paris: Payot.
- _____. *Premier Cours de Linguistique Générale (1907): d'après les cahiers d' Albert Riedlinger / Saussure's first course of lectures on general linguistics (1907): from the*



notebooks of Albert Riedlinger. French text edited and translate by Eisuke Komatsu and George Wolf, Pergamon Press, 1996.

_____. *Duexieme Cours de Linguistique Générale (1907): d'après les cahiers d' Albert Riedlinger / Saussure's second course of lectures on general linguistics (1908-1909): from the notebooks of Albert Riedlinger. French text edited and translate by Eisuke Komatsu and George Wolf, Pergamon Press, 1997.*

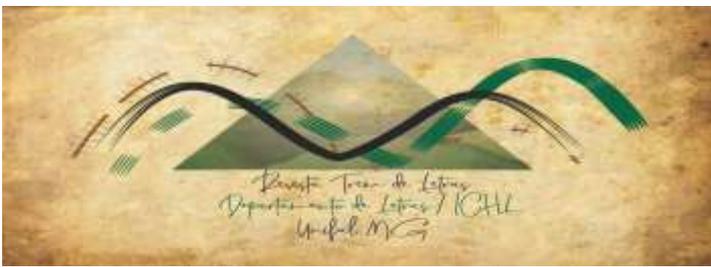
_____. *Troisième Cours de Linguistique Générale (1910-1911): d'après les cahiers d'Emile Constantin. In: SAUSSURE, F. Troisième Cours de Linguistique Générale (1910-1911): d'après les cahiers d'Emile Constantin / Saussure's third course of lectures on general linguistics (1910-1911): from the notebooks of Emile Constantin. French text edited by Eisuke Komatsu e English text edited by Roy Harris. Pergamon Press, 1993.*

SILVEIRA, Eliane Mara. *As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística*. 2003. 141 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

_____. *As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

VALÉRIO, Rubiane Guilherme. *A função coesiva das nominalizações em redações escolares na perspectiva sistêmico-funcional*. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC Rio, Rio de Janeiro, 2012.

WILSON, V.; MARTELOTTA, M. E. Arbitrariedade e Iconicidade. In: MARTELOTTA, M.E. (org.). *Manual de linguística*. 1. edição, 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.



Approximations between Saussure and Halliday: the theory of the arbitrariness of the linguistic sign

Henrique Campos Freitas

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Universidade de Uberaba - UNIUBE

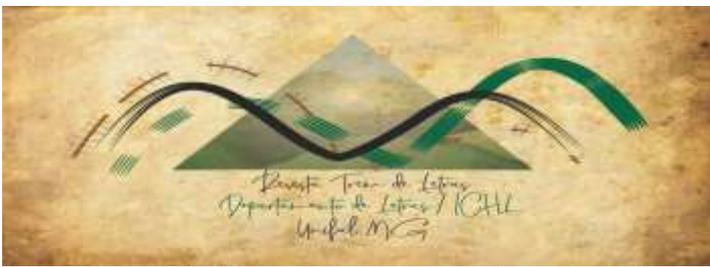
Mayra Natanne Alves Marra

Instituto Federal do Triângulo Mineiro – IFTM (Campus Ituiutaba)

Abstract

This study discusses the concept of arbitrariness of linguistic sign for two researchers of language: the pioneer of modern linguistics, Ferdinand de Saussure and the precursor of functionalism, Michael Halliday. To support these reflections, we will guide by the three courses about General Linguistics, taught by the Genevan and composed by notes of Albert Riedlinger and Charles Patois and the book An Introduction of Functional Grammar, by Halliday, with Matthiessen's collaboration, to identify possible dialogues or distancing.

Keywords: Arbitrariness. Linguistic sign. Halliday. Saussure.



Aproximaciones entre Saussure y Halliday: la teoría de la arbitrariedad del signo lingüístico

Henrique Campos Freitas

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Universidade de Uberaba - UNIUBE

Mayra Natanne Alves Marra

Instituto Federal do Triângulo Mineiro – IFTM (Campus Ituiutaba)

Resumen

Este trabajo busca discutir la concepción de arbitrariedad del signo lingüístico para dos estudiosos del lenguaje: el precursor de la lingüística moderna, Ferdinand de Saussure y el precursor del funcionalismo, Michael Halliday. Para apoyar estas reflexiones, nos centraremos en los tres cursos de Lingüística General, impartidos por el Ginebrino, compuestos por las notas de Albert Riedlinger y Charles Patois y el libro *An Introduction of Functional Grammar*, de Halliday, con la colaboración de Matthiessen, en para identificar posibles diálogos o distancias.

Palabras clave: Arbitrariedad. Signo lingüístico. Halliday. Saussure.